

OS CORPOS FALAM? MULHERES NEGRAS, (IN)VISIBILIDADE E EXPERIÊNCIAS CORPORIFICADAS

Victoria Cristina Benjamim Chagas(PIBIC/CNPq/FA/UEM), João Paulo Marques (Coorientador), Larissa Michelle Lara (Orientadora). E-mail: Imlara@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências da Saúde / Educação Física.

Palavras-chave: corpo negro, mulheres, experiências corporificadas, educação física.

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho teórico e empírico, propôs-se a investigar como mulheres negras percebem seus corpos e narram suas experiências corporificadas. Entrevistas foram realizadas com quatro mulheres negras da cidade de Maringá-PR, intencionalmente selecionadas para o estudo. Conclui-se que as narrativas dessas mulheres revelam peculiaridades próprias da história de vida de cada uma delas, sendo alguns desses corpos negros mais atravessados pelo racismo e desrespeito do que outros. Apesar disso, há formas comuns de expressão desse corpo, reveladas na construção identitária da negritude e em formas de resistência a processos de exclusão.

INTRODUÇÃO

Os corpos falam? A quais corpos nos referimos? Será que todos os corpos falam? Ou apenas alguns falam mais alto? Essas são questões que me levam a pesquisar como mulheres negras percebem seus corpos, reconhecem formas de visibilidade e vivenciam suas experiências corporais. Em uma sociedade em que os corpos brancos são privilegiados e os corpos negros são vistos como abjetos, encontrar espaços de visibilidade e reconhecimento é um desafio a ser enfrentado, independentemente de se estar em uma posição de privilégio ou de opressão.

O meu interesse em compreender os corpos negros e em compartilhar as narrativas das mulheres negras acerca de suas experiências corporais surge a partir das reflexões de Lara (2016) ao discutir os processos de visibilidade e invisibilidade do corpo que dança. Segundo Lara, a invisibilidade se manifesta na forma como as pessoas demonstram desprezo umas pelas outras e o reconhecimento é estabelecido por gestos expressivos e positivos. Falar da visibilidade dos corpos negros é investigar como esses corpos se sentem reconhecidos ou não e como isso afeta suas vidas.

Promover o reconhecimento social e lutar por uma sociedade democrática envolve compreender a história de hierarquizações, segregações e opressões relacionadas às mulheres e, principalmente, às mulheres negras. A articulação entre racismo e sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra, conforme aponta a pesquisadora negra norte-americana bell hooks. Ela destaca a importância de considerar a experiência como uma forma de conhecimento, mesmo diante de práticas de silenciamento e exclusão. O valor da experiência é central nesse projeto de pesquisa, pois a experiência é um meio de conhecimento que pode informar análises e teorias. Ouvir as narrativas de mulheres negras, incluindo as minhas próprias experiências como mulher negra, estudante e professora de balé, pode contribuir para a construção de conhecimentos singulares acerca de realidades diversas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa conjuga estudo teórico e empírico a partir do acesso à literatura disponível à pesquisadora e de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro mulheres negras intencionalmente selecionadas pela pesquisadora: a) uma discente universitária; b) uma docente universitária; c) uma esportista; d) uma dançarina. Especificamente, o estudo buscou incursionar por literatura relacionada ao feminismo Estudos desenvolvidos por Farias *et al.*(2020); Silva (2020); hooks (2013) foram basilares às reflexões desenvolvidas nesse trabalho. As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo a análise realizada por meio da seleção de narrativas e organização de sínteses para os seguintes eixos: destaques na trajetória de vida (pessoal, profissional), percepção de si na convivência com pessoas brancas, sentimento de desvalorização/valorização na condição de mulher negra, limitações, benefícios, memórias de fatos vividos e espaços para a consciência acerca do que é 'ser mulher negra'.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistadas 1 e 2 são duas personalidades influentes no esporte: uma é atleta do basquete e outra treinadora e professora universitária aposentada, da área do atletismo. Já as entrevistadas 3 e 4 são, respectivamente, dançarina e estudante de pós-graduação (doutorado). O Quadro 1 apresenta sínteses em eixos de análise.

Quadro 1 – Eixos orientadores das entrevistas e respectivas sínteses.

Eixos orientadores das entrevistas
1. Destaques na trajetória de vida (pessoal, profissional)
Esportista reconhecida no basquete; docente e treinadora reconhecida no atletismo; dançarina e professora com trajetória bem sucedida; graduada em educação física e doutoranda em educação.
2. Percepção de si na convivência com pessoas brancas ou em situações/espaços sociais em que pessoas brancas são a maioria

Corpo negro e preconceitos; tentativas de embranquecimento cultural; afirmação da negritude e direitos; dificuldades de aceitação em ambientes brancos.
3. Sentimento de desvalorização na condição de mulher negra, em alguma atividade física/experiência de movimento
Sentimento de ser desrespeitada no esporte (jogar com lesões); falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido; desconfiança da qualidade do trabalho por ser professora negra; ter que provar que tem mérito.
4. Sentimento de valorização/reconhecimento na condição de mulher negra, por realizar alguma atividade física/experiência de movimento
Valorização obtida com reconhecimento pelo trabalho; premiações; homenagens; representação institucional.
5. Limitações ou benefícios como mulher negra no acesso a experiências de movimento
Esporte abriu portas para a universidade; não se sentir pertencente em grupos com meninas brancas; possibilidade de mostrar habilidades como mulher negra; letramento racial pelo estudo.
6. Memórias das experiências corporais de movimento como mulher negra
Memória afetiva positiva; trajetória de orgulho; traumas e ansiedade; falta de reconhecimento e de respeito.
7. Existência (ou não) de espaços para consciência acerca do que é 'ser mulher negra' na relação com o campo do movimento
Espaços existem, mas são poucos; se não há espaço, cria-se; necessidade de avançar no letramento racial.

Fonte: Construído pela pesquisadora e orientadores com base nas entrevistas.

As narrativas das entrevistadas nos fazem refletir acerca da realidade do esporte para mulheres negras, mostrando que, ao contrário do que se diz, não é um ambiente de igualdade e oportunidades. Elas comentam que muitas atletas negras enfrentam obstáculos e injustiças que afetam seu sucesso e visibilidade, desde o nível amador até o profissional, sofrendo discriminação e preconceito nos clubes, nos times, mesmo se esforçando ao máximo para ter um bom desempenho. Esse fenômeno evidencia o racismo presente no esporte, com ofensas e discriminação que desvalorizam tanto as atletas negras quanto as professoras de Educação Física. Contudo, cabe observar que a segunda entrevistada revela em sua entrevista menos situações de frustração ou preconceito por ser negra, percebendo-se, em geral, aceita e reconhecida em seu trabalho, por sua personalidade forte e de luta.

As entrevistadas informam que tiveram oportunidades de frequentar lugares onde, na maioria das vezes, pessoas pretas não acessam, salvo na condição de subalternidade, a exemplo de determinadas escolas de elite de balé, colégios particulares, universidade e também times ligados a clubes. Além disso, elas enfrentam a falta de compreensão e empatia em relação aos seus desafios, sentindo-se deslocadas em certos ambientes devido à falta de representatividade e à discriminação sistêmica. Elas também informam que já se sentiram pressionadas para se adequar a padrões eurocêntricos de beleza, como alisar o cabelo, de modo a se sentirem incluídas, de alguma forma.

CONCLUSÕES

A pesquisa revela que a experiência vivida pelas entrevistadas, seja com o esporte, seja com a dança, foi positiva e também negativa, repleta de desafios, embora com enfoques distintos. Apesar dos desafios enfrentados com o racismo velado, com a invisibilidade e a desvalorização, elas entendem que os benefícios proporcionados superam essas dificuldades. Em suma, as histórias dessas mulheres nos mostram a complexidade e as desigualdades que atravessam o mundo do esporte e da dança para mulheres negras.

Ao me voltar para as experiências corporificadas das mulheres negras, reconheço que os corpos são locais de conhecimento, onde afetos, sofrimentos, realizações e visibilidades estão inscritos. O acesso a essas narrativas pode promover saberes diversos e contribuir para uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Conhecer é empoderar-se, e esses estudos também são essenciais para a minha formação como mulher negra e para o enfrentamento dos desafios cotidianos em busca de visibilidade e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao PIBIC-CNPq pelo apoio fundamental e incentivo para o desenvolvimento deste projeto. Agradeço profundamente ao meu coorientador, João Paulo Marques, e à minha orientadora, Larissa Michelle Lara, pelo valioso acompanhamento, orientação e dedicação. Agradeço às mulheres negras que participaram da entrevista; vocês são vozes essenciais a esse estudo.

REFERÊNCIAS

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARA, L.M. Dominação e (in)visibilidade no corpo que dança. In: VOSS, R. R. (org.). **Caminhos da pesquisa em dança: interculturalidades e diásporas**. Recife: UFPE, 2016.

FARIAS, L.G. S. *et al.* A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Movimento**, v. 26, e26074, p.1-17, jan./dez.2020.

SILVA, C. S. Eu mulher negra de educação física. *In*: VENÂNCIO, L; NOBREGA, C. C. S. **Mulheres negras professoras de educação física**. Curitiba: CRV, 2020. p.115-127.